

CAPÍTULO 1 – Metáforas lobatinas para o tradutor

John Milton

Quando Monteiro Lobato voltou dos EUA, em 1931, continuou a se dedicar à literatura, mas sua atenção principal se voltou para a prospecção de petróleo e a campanha de convencimento do Governo Vargas de que o petróleo e o ferro deveriam ser explorados. Nestes projetos, Lobato investiu o restante de seus recursos financeiros, ou seja, o que sobrou após as perdas na bolsa em 1929. Pouco após a decretação do Estado Novo, no final de 1937, seus sonhos – e recursos – chegaram ao fim e, para sobreviver, passou a se dedicar quase que exclusivamente à tradução, vivendo deste ofício até 1945, quando publica *História da Civilização*, de Will Durant, sua última tradução.

Diferentemente de muitos de seus contemporâneos – Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Heitor Villa-Lobos, Emiliano di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Cândido Portinari, que aceitaram cargos públicos e tinham acesso a projetos governamentais, às editoras particulares “e às principais sinecuras do campo intelectual”, com as autoridades públicas responsáveis pela “validação e reconhecimento da produção intelectual” (MICELI, 1979, p. 160), Lobato nunca aceitou a sinecura de um emprego público, que lhe permitiria viver sem preocupações financeiras. Quando ele retornou dos Estados Unidos, Vargas chegou a lhe oferecer uma posição no Governo, mas Lobato a recusou. Em 1934, provavelmente imaginando que seria melhor tê-lo como aliado do que como inimigo, Vargas o convidou para administrar o que seria um ministério ou departamento de propaganda (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 484), renovando o convite em julho de 1940 (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 468). Lobato declinou as duas ofertas, preferindo se dedicar à então desprestigiada profissão de tradutor, pouco adequada a um *homme de lettres*. De acordo com Galeão Coutinho, ele teria sido o primeiro escritor brasileiro a superar tal preconceito: “Foi Monteiro Lobato o primeiro escritor brasileiro que não se sentiu envergonhado de ser homem de negócios, de tratar dos interesses materiais cotidianos, esquecer mesmo a sua condição de escritor, rompendo com a tradição que situava o homem de letras entre os candidatos a uma sinecura do Estado” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 529). Cassiano Nunes chega a classificá-lo como um escritor não “literato”, ou seja, um pensador e praticante do ensaio que conciliou o “homem do pensamento” com o “homem da ação” (cf. NUNES, 1979, p. 10). De fato, Lobato teria se dedicado a diversas aventuras comerciais: foi proprietário de uma casa lotérica em São Paulo, um restaurante em Nova Iorque e de jazidas de minério no Paraná, dedicou-se à construção de um torrador de café e a um estudo para a fabricação de pneus e câmaras de ar, bem como para a produção de banana em pó e exploração de mel em larga escala, além, é claro, do investimento em editoras e empresas de prospecção de petróleo (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 528).

“Ando com idéia de traduzir O príncipe de Maquiavel. Nossos tempos são corruptos, sem estilo e sem filosofia. Com o Maquiavel bem difundido, teríamos um tratado de xadrez para uso destes reles amadores” (LOBATO, 1944, p. 30) – esta é a primeira referência de Lobato à tradução de que temos notícias e se encontra em uma carta enviada a Godofredo Rangel datada de 20 de janeiro de

1904. Suas primeiras traduções datam de 1905, quando ainda era promotor público em Areias e traduzia artigos da revista norte-americana *The Weekly Times*, os quais eram republicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Ele ditava a tradução e Purezinha, a esposa, redigia. Conforme ele mesmo declara, mais uma vez em carta a Rangel, datada de 10 de dezembro de 1908, neste mesmo mês havia recebido 80\$000 pelas traduções que fizera (LOBATO, 1944, p. 147-148). Traduzir era um modo rentoso de aliviar a monotonia da vida do interior. Isso se estendeu até 1909, numa época em que Lobato ainda fazia parte da oligarquia paulista e pôde, inclusive, adquirir a *Revista do Brasil*. Porém, as dificuldades financeiras o levariam a transformar a tradução em ganha-pão depois da falência da Monteiro Lobato & Companhia (1925), do *crash* de Wall Street (1929) e do fracasso na prospecção de petróleo e nos negócios na área de mineração (anos 1930).

Se, por um lado, Lobato não seguia as convenções do *habitus* bourdieusiano do intelectual brasileiro das décadas de 1920 e 1930, que dependia de emprego público e que, aparentemente, não se preocupava em ser um *cadre* num sistema ditatorial, por outro, também não lhe aborrecia se dedicar a um “trabalho braçal” (cf. SIMEONI, 1998), como a tradução – o que fica patente na “Introdução” ao seu ensaio, “Traduções” (LOBATO, 1964e, p. 125-130): “Foi M. L. quem rompeu com o preconceito de que ‘não ficava bem’ a um escritor traduzir. Traduziu muito, deu o exemplo — e depois dele os escritores tomaram a si uma tarefa até então confiada a anônimos”. Neste seu único ensaio especificamente sobre o tema, Lobato apresenta as vantagens da relação entre a cultura e a tradução. De acordo com ele, esta seria a melhor maneira de se estender a cultura do brasileiro, restrito aos escritores brasileiros e portugueses caso não dispusesse de traduções: “Herculano, Camilo, Castilho, e a rédua dos freis quinhentistas absolutamente vazios de ideias [...] Eça, Ramalho, Antonio Nobre, Fialho, Machado, Nabuco, Euclides da Cunha, José de Alencar”, ou seja, sem a tradução, o brasileiro viveria em “uma verdadeira prisão mental”, tornando-se um “povo fechado, pobre, indigente, visto como só pode contar com a produção literária local” e fadado a viver em um horizonte restrito. Por isso o brasileiro receberia tão bem a tradução: “Recebe essas obras como outras tantas janelas abertas numa prisão escura” (LOBATO, 1964e, p. 128-129) e ao tradutor caberia o reconhecimento por trazer os grandes autores ao leitor monolíngue. Para destacar o descaso do leitor para com o tradutor, ele compara o tradutor a uma formiga extremamente humilde:

O homem de uma só língua, que entra na biblioteca e pode ler o Banquete de Platão, Os Pensamentos de Confúcio, os Anais de Tácito, a Viagem Sentimental de Sterne, o Fígaro de Beaumarchais, a Guerra e Paz de Tolstói, o D. Quixote, o Coração de Amicis, o Fausto e tanta coisa, admira os autores mas não tem uma palavra para a formiga humílima – o tradutor – graças à qual aquelas obras lhe caíam ao alcance (LOBATO, 1972a, p. 96).

Lobato relacionava o crescimento material e econômico do Brasil ao desenvolvimento cultural e espiritual, por isso considerava importante a publicação de boas traduções de obras clássicas de culturas diversas da francesa, à qual o Brasil já tinha acesso por meio de diversas traduções. Também preconizava que o status do tradutor fosse elevado, tal como o fora entre os românticos alemães. Para Lobato, o tradutor seria o grande elo entre culturas, daí sua definição de tradução como “a tarefa mais delicada e difícil que existe” e dos tradutores como “os maiores beneméritos que existem, quando bons; o os maiores infames, quando maus”,

acrescentando que “Os bons servem à cultura humana, permitindo que a obra de Kipling a Poe seja conhecida em outros países, acrescentando a riqueza do estrangeiro à riqueza da cultura importada” (LOBATO, 1964e, p. 127-128). Lobato cita também a situação do tradutor na França como ideal, pois lá “a função do tradutor está equiparada à do escritor”, completando como os exemplos de Charles Baudelaire, tradutor da obra de Edgar Allan Poe, e Louis Fabulet, tradutor da obra de Rudyard Kipling (LOBATO, 1964e, p. 128).

Em junho de 1934, Lobato lista com orgulho suas traduções: “Tenho empregado as manhãs a traduzir, e num galope. Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Anderson, Perrault, Contos de Conan Doyle, O Homem Invisível de Wells e Pollyanna Moça, O Livro da Jungle. E ainda fiz Emilia no País da Gramática. Tudo isso sem faltar ao meu trabalho diário na Cia. Petróleos do Brasil” (LOBATO, 1944, p. 493). Anos mais tarde, em 1940, explica a razão de sua elevada produção como tradutor: “A tradução é a minha pinga. Traduzo como o bêbado bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo” (LOBATO, 1944, p. 498). Também comenta com certo desprezo a situação em que os “intelectuais” de sua época, os modernistas, encontravam-se, marcada por pouco ou nenhum sucesso comercial e dependência das sinecuras governamentais. Lobato, de fato, sentia-se invejado por eles, conforme se pode depreender de sua carta a Jaime Adour da Câmara datada de 10 de maio de 1946, ao se referir à “inveja em consequência da minha vitória comercial nas letras”. Após se vangloriar pela tiragem de dois milhões de livros, com 66 edições no Brasil e 33 na Argentina; pelos rendimentos advindos da comercialização de seus livros; pelos 54 milhões de imposto de renda pagos no ano anterior, Lobato declara: “Eles são uns gênios – mas não vendem; têm que viver como carrapatos do Estado, presos a empreguinhos. O Lobato é uma bêsta, mas está vendendo bestialmente, cada vez mais. Daí o atual ‘pau no Lobato’” (LOBATO, 1964d, p. 178).

Ele se refere à tradução como uma espécie de cachaça que o ajudava a esquecer os males da vida, tais como a doença de seu filho Edgard, que morreria de tuberculose em 13 de fevereiro de 1943, aos 32 anos, e a morte de Guilherme, em 10 de janeiro de 1939, também de tuberculose, aos 25 anos. Enquanto Edgard agonizava em Tremembé, Lobato passava os dias, especialmente domingos, traduzindo: “Domingo último [...] bati um recorde. Não saí de casa e ninguém veio me amolar; resultado: fiz 67 páginas de minha tradução. Parei porque o dedo ficou dormente. Ontem entreguei o livro. Trezentas páginas em cinco dias! Foi o recorde dos recordes. Mas sozinho como estou, o trabalho não tem remédio senão render!” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 535).

Em 1944, prestes a deixar a tradução, Lobato contesta os boatos de que não poderia ter sido o único responsável pela enorme quantidade de traduções que levava seu nome: “Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre no petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio e ao álcool ou a qualquer estupefaciente, recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente, que me acusaram lá fora [fora da prisão] de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado — e por isso abandono o remédio” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 540). De fato, sobretudo enquanto esteve preso, traduzir foi sua salvação. Por meio dela, sentia-se livre: “Kipling era a Vida, a Natureza, o Ar Livre, a Fera, a Índia inteira, tudo com maiúscula”, declara em carta a Rangel datada de 6 de junho de 1934 (LOBATO, 1944, p. 492-493). Sua destreza à máquina

também o ajudava a bater recordes: “Na minha mecânica de 100 quilômetros por hora, em oito dias dou conta do volume”, teria declarado à sobrinha Gulnara Moraes Lobato (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 729). “Quando um livro me agrada, traduzo-o rapidamente. Traduzi o livro de Willkie numa semana” (LOBATO, 1950f, p. 175 – trata-se da obra de Wendell Willkie, *Um mundo só*).

De acordo com Edgar Cavalheiro, tanta produção se devia às necessidades financeiras de Lobato e era lamentável que sua genialidade fosse “desperdiçada” em obras não originais suas: “colocar esse escritor na condição de trabalhador-forçado da tradução, com tarefas diárias pesadíssimas, é matar-lhe, aos poucos, todo o ímpeto criador, é mutilá-lo lenta e inexoravelmente para as obras originais” (1955, p. 538). Em favor de sua honestidade, Cavalheiro afirma: “Neguem-lhe qualidade, fidelidade, ou o que quer que seja. Mas negar-lhe honestidade, ou julgá-lo capaz de apor o nome numa tradução alheia, é injustiça só possível pelo conhecimento superficial do seu caráter” (1955, p. 538). A velocidade de sua produtividade, porém, não deixaria de causar problemas. Cavalheiro menciona vários erros apontados por Versiani Velloso em sua tradução de *História da Filosofia*, de Will Durant; erros que um tradutor mais cuidadoso teria evitado, avalia Cavalheiro (1955, p. 536). O próprio Lobato também reconhecia seus erros. Por exemplo, em carta a Godofredo Rangel datada de 17 de setembro de 1941, cita sua tradução de “The Village Blacksmith”, em *História da Literatura Mundial*, de John Macy, como “A Aldeia de Blacksmith” (LOBATO, 1944, p. 499). Outras falhas, desta vez na tradução de *The Jungle Book*, de Rudyard Kipling, são apontadas por Elizamari Rodrigues Becker. Por exemplo, Lobato não se dá conta do fato de que as crianças nobres não devem esquecer os que passam fome no mundo ao traduzir “... and good luck and strong white teeth go with the noble children, that they may never forget the hungry in this world” como “E também boa sorte e rijos dentes para esta nobre ninhada, a fim de que jamais padeçam fome no mundo”, quando a tradução correta, sugerida por Karam (apud BECKER, 2006, p. 129), seria “e que seus nobres filhotes tenham também boa sorte e dentes brancos e fortes, e nunca esqueçam que há gente passando fome no mundo”.

Além dos erros, de acordo com Cavalheiro, certas “liberdades” são apontadas por Paulo Rónai, que comenta que faltaria a Lobato a humildade indispensável ao ofício de tradutor e tenta justificar suas escolhas, afirmando que o escritor criativo enfrentaria dificuldade ao traduzir obras de segunda categoria (cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 537-538).

No ensaio “Eu tomo o sol...”, de 1938, Lobato usa a abelha como metáfora para o tradutor ao elogiar Benjamin de Garay:

A América Latina acaba de receber um alto presente elaborado por uma dessas tenazes abelhas da internacionalização, Benjamin de Garay, com o seu transplante para o castelhano de Os Sertões de Euclides da Cunha. Graças a Garay, o formidável tríptico brasileiro – a Terra, o Homem e a Luta – tornou-se acessível ao mundo de língua espanhola. [...] E como não concluir que é imensa a paga dum tradutor quando transplanta para a sua língua uma obra assim? (LOBATO, 1972a, p. 237-238).

Ao comentar que ainda faltava traduzir *Os Sertões* para o inglês, francês, alemão e as línguas eslavas, Lobato esclarece quem são as “tenazes abelhas”: “homens de ilimitada renúncia – os tradutores das obras consideradas intraduzíveis”. Para demonstrar sua raridade, compara tais homens a “santos nas prisões. Homens que esquecem o mundo, a caça ao dinheiro, o ‘negócio’ e, sem esperar recompensa

nenhuma, nem neste nem no outro mundo, consagram um pedaço da sua vida, e todos os seus miolos, ao duro trabalho do transplante linguístico de uma obra” (LOBATO, 2006, p. 251-252). Prosseguindo com as metáforas, Lobato chama Garay de “esse Dom Quixote da brasilidade para uso externo” (LOBATO, 2006, p. 252). Também compara o tradutor a um “tartáreo”, cuja tarefa seria dez vezes maior do que a tarefa do autor, uma vez que: “Traduzir é a maior das tragédias mentais, porque é anular-se um homem da maneira mais absoluta, subordinar sua mentalidade à dum estranho, penetrar um homem como um gás penetra poros, compreendê-lo nas mais microscópicas minúcias, decifrá-lo no que é indecifrável” (LOBATO, 2006, p. 252). Mártir é outra de suas metáforas para o tradutor, ao afirmar que o público nunca vai reconhecer o enorme esforço do “mártir que estupidamente se sacrifica para que ele possa ler em língua sua uma obra-prima gasta em idioma estranho” (LOBATO, 2006, p. 252).

Além das imagens acima apresentadas, Lobato também retrata o tradutor como um escafandrista, o mergulhador com tanques de oxigênio, que vai até o fundo da obra para encontrar o barro que, como escultura, irá moldar:

Há muitas maneiras de ler. Talvez a mais profunda seja a de quem verte um livro para outra língua. O tradutor é um escafandrista. Mergulha na obra como num mar; impregna-se dum pensamento concretizado de um certo modo – o estilo do autor – e lentamente o vai moldando no barro de outro idioma, para que a obra não admita fronteiras. Sem esses abnegados trabalhadores, a literatura ficaria adstrita a pátrias, condenada a limites muito mais estreitos do que os permitidos pela sua potencialidade (LOBATO, 1972a, p. 95).

Vanete Santana comenta a outra delas, a imagem do tradutor escultor, comparando-a à do escafandrista. Em sua visão, este seria alguém que mergulharia para descobrir a “essência” que Lobato reconhece no texto de partida, enquanto aquele seria o que a molda com uma nova matéria-prima, mantendo-a viva na língua para a qual traduz:

Para melhor ilustrar sua concepção sobre o tradutor e enaltecer sua atuação, Lobato usa também a metáfora do escultor. Para ele, o tradutor seria um escultor que molda o pensamento que foi concretizado de um certo modo – o texto de um escultor (escritor) que já moldara idéias, segundo seu estilo, em um determinado idioma – no barro (matéria-prima) de outro idioma. O idioma no qual o texto é traduzido seria, pois, a matéria-prima com a qual se moldam as idéias. O trabalho de escultor, posterior ao do escafandrista, seria o que garantiria sobrevida ao texto: a tradução mantém o texto vivo porque revoga as fronteiras impostas pela diferença entre os idiomas. Porém, quando se trata da posição social do tradutor, ao menos no Brasil, ele passa de escafandrista e escultor a formiga humílima e abelha, nas palavras de Lobato, cujo único pagamento à altura de seu trabalho seria a satisfação pessoal (SANTANA, 2007, p. 88).

Quanto à tarefa da tradução, em “Amigos do Brasil” – artigo escrito em 1926 –, Lobato a considera uma espécie de *soft power* ou a melhor forma de diplomacia, ao afirmar que nossa condenação da França por esta ter bombardeado Damasco e destruído Abd El-Krim, bem como nossa indignação, diminuiria ao considerarmos que a cultura francesa é a mesma cultura dos “senhores Perrault, La Fontaine, Hugo, Maupassant, Taine, Anatole e quantos mais nos trouxeram para aqui esta sensação da irmandade do homem” (LOBATO, 2006a, p. 170). Outro exemplo citado por Lobato em seu habitual estilo sarcástico se refere aos atos de violência praticados pela Alemanha durante a primeira guerra mundial, ao comparar a

tradução a “preciosos coxins de veludo, amortecedores de choques” (LOBATO, 2006a, p. 170) que demonstrariam a ligação entre todos os povos do mundo, gerando “a compreensão e a tolerância”. Estes “amortecedores” atestariam, por meio da “exibição de documentos humanos, que somos iguais, todos filhos do mesmo macaco que rachou a cabeça ao cair do pau” (LOBATO, 2006a, p. 170).

Às editoras caberia, por sua vez, a grande responsabilidade de editar traduções feitas com cuidado, a fim de não entregar “obras primas da humanidade ao massacre dos infames ‘tradittori’” (LOBATO, 1964e, p. 129-130). Além disso, acrescenta, seria necessário aumentar o leque de obras traduzidas para a língua portuguesa, uma vez que o leitor brasileiro, diferentemente do leitor inglês, espanhol, francês ou alemão, tinha acesso a poucos autores importantes. Lobato cita que ainda estava por ser traduzida “toda a antiguidade greco-romana – Homero, Sófocles, Heródoto, Plutarco, Esquilo”, bem como a obra de Shakespeare, Goethe, Schiller, Molière, Rabelais e Ibsen (LOBATO, 1964e, p. 128) e “Viagens de Gulliver, e as Mil e Uma Noites, e Peter Pan” (LOBATO, 1944, p. 447), que ele mesmo viria a traduzir.

Lobato credita à ênfase em traduzir escritores franceses, tais como Escrich, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas, e os espanhóis Heitor Malot e Zamañacois, a ausência de traduções da literatura inglesa, americana, alemã, escandinava e russa no Brasil e aconselhava a busca por novos modelos na literatura expressa em outras línguas além das neolatinas: “não há comparação – Kipling, Jack London, Tolstói, Chekov contra os ‘Almeidas, Sousas e Silvas’. Lobo do Mar de Jack London contra Mulatinha do caroço do Pescoço do senhor Coisada Pereira.” (LOBATO, 1964e, p. 126-127). Sempre crítico à literatura francesa, Lobato afirma que

A literatura francesa infeccionou-nos de tal maneira que é um trabalho de Hércules remover as suas sedimentações. É gafeira lamelar. Temos que ir tirando aquilo casca por casca. Da casca haurida em Zola já nos alimpamos; a flaubertina e a gongoriana ainda subsistem em você. Temos depois as casquinhas hauridas aqui – a casca eciana, a fialhana, a euclidiana e até a camiliana. Abusamos de Camilo como certos sífilíticos abusam do mercúrio. O espiroqueta morre, mas ficamos com os dentes estragados. Temos que eliminar todas as cascas e ficarmos em carne viva. Será possível, Rangel? Certas cascas nos ficam como pele e dão o arrancá-las (LOBATO, 1944, p. 294).

O mercado reage bem às ideias de Lobato de insuflar “sangue novo” no mercado de traduções. O *best-seller* norte-americano *Rosary (Rosário)*, de Florence Barclay, vendeu 50 mil exemplares no Brasil enquanto a tradução de livros de Wren, Wallace, Burroughs, Stevenson, Kipling e Jack London estavam sendo lançadas e de Bernard Shaw e Conrad eram cogitadas (cf. LOBATO, 1964e, p. 126). Ao mesmo tempo, escritores brasileiros reclamavam da falta de oportunidade e o mercado começava a se sentir saturado de traduções de autores de segunda categoria. Neste novo contexto, Lobato percebe a necessidade de se sacrificar a qualidade em favor da quantidade e de se contratar escritores como tradutores – alargando o campo de atuação que ele mesmo abria.